

**Cooperatores Veritatis:
Breve análise do pontificado de Bento XVI (2005-2013)**

COOPERATORES VERITATIS:

Brief pontificate analysis of Bento XVI (2005-2013)

Juliano Alves Dias¹

Resumo

Passado um ano da renúncia de Bento XVI, muitas questões acerca da mesma e de seu pontificado ainda estão abertas e sem respostas. É provável que o sentido histórico do mesmo só seja dado por alguma interpretação no futuro não muito próximo. No entanto, o projeto de atuação de Bento XVI, delineado no início de seu ministério petrino em um discurso à Cúria, pode lançar luzes sobre suas ações até o momento de sua renúncia. Estas breves linhas buscam retomar alguns elementos que podem contribuir para entender este importante momento da Igreja Católica.

Palavras-chave: Bento XVI, Concílio Vaticano II, Reforma Litúrgica.

Abstract

One year after the resignation of Benedict XVI, many questions about the same and his pontificate are still open and unanswered. It is likely that the historical meaning of it is only given for some interpretation in the not too near future. However, the proposed action of Benedict XVI outlined at the beginning of his Petrine ministry in a speech to the Curia, can shed light on his actions to date of his resignation. These few lines seek to resume some elements that can contribute to understand this important moment in the Catholic Church.

Keywords: Benedict XVI, Council Vatican II, Liturgical Reform.

Após a morte de João Paulo II (1978-2005), o então cardeal Ratzinger assumiu a frente dos rituais fúnebres e do Conclave para a eleição do novo

¹ Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista, UNESP. Professor da disciplina de História do ensino básico no IFSP, campus Barretos.

papa. Durante a missa *Pro Eligendo Romano Pontifice* de 18 de abril de 2005, Ratzinger proferiu uma homilia na qual conclamou os cardeais a elegerem um papa que combatesse aquilo que chamou de “ditadura do relativismo”:

Quantos ventos de doutrina conhecemos nestes últimos decênios, quantas correntes ideológicas, quantas modas do pensamento... A pequena barca do pensamento de muitos cristãos foi muitas vezes agitada por estas ondas lançada de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até à libertinagem, ao coletivismo radical; do ateísmo a um vago misticismo religioso; do agnosticismo ao sincretismo e por aí adiante. Cada dia surgem novas seitas e realiza-se quanto diz São Paulo acerca do engano dos homens, da astúcia que tende a levar ao erro (cf. Ef 4, 14). Ter uma fé clara, segundo o Credo da Igreja, muitas vezes é classificado como fundamentalismo. Enquanto o relativismo, isto é, deixar-se levar "aqui e além por qualquer vento de doutrina", aparece como a única atitude à altura dos tempos hodiernos. Vai-se constituindo uma ditadura do relativismo que nada reconhece como definitivo e que deixa como última medida apenas o próprio eu e as suas vontades.

Ao contrário, nós, temos outra medida: o Filho de Deus, o verdadeiro homem. É ele a medida do verdadeiro humanismo. "Adulta" não é uma fé que segue as ondas da moda e a última novidade; adulta e madura é uma fé profundamente radicada na amizade com Cristo. É esta amizade que nos abre a tudo o que é bom e nos dá o critério para discernir entre verdadeiro e falso, entre engano e verdade. Devemos amadurecer esta fé, para esta fé devemos guiar o rebanho de Cristo. E é esta fé só esta fé que gera unidade e se realiza na caridade. São Paulo oferece-nos a este propósito em contraste com as contínuas peripécias dos que são como crianças batidas pelas ondas uma bela palavra: praticar a verdade na caridade, como fórmula fundamental da existência cristã. Em Cristo, coincidem verdade e caridade. Na medida em que nos aproximamos de Cristo, também na nossa vida, verdade e caridade fundem-se. A caridade sem verdade seria cega; a verdade sem caridade seria como "um címbalo que retine" (1 Cor 13, 1).²

Contra as mais diversas ideologias que afloraram na história contra a Igreja, Ratzinger chama a atenção para a pregação de Cristo, da *Verdade*. Este

² BENTO XVI. Homilia da Santa Missa *Pro Eligendo Romano Pontífice*, 18 abril 2005. Disponível em:<http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html>. Acesso em 23 ago. 2009.

ponto, o da *Verdade*, é justamente o cerne da discussão que se processa na instituição eclesiástica, uma análise que é muito cara ao catolicismo, na sua relação com o mundo moderno.

O conceito de Verdade é debatido desde os tempos mais remotos da razão humana, Sócrates chegou à morte por defendê-la, contrariando os interesses políticos da Atenas de sua época que, por sua vez, fundamentavam-se sobre os alicerces do relativismo propagado pelos sofistas³. Pilatos, antes de lavar as mãos, perguntou a Cristo o que era a verdade (Jo 18, 38), um ato relativista para não enfrentar as repercussões políticas de uma data atitude.

No evangelho de João, ao procurar se definir àqueles que o interrogava, Jesus os convidava para seguirem suas palavras e prometia “... conheceréis a verdade, e a verdade vos libertará.” (Jo 8, 32). A Igreja Católica Apostólica Romana entende a si própria como portadora da plenitude da verdade por meio da tradição católica⁴ e, como tal, procurou, ao longo dos séculos, defender esta referida verdade, segundo ela, revelada pelo próprio Deus.

Para além dos problemas teológicos que esta afirmação venha gerar, no campo histórico vê-se claramente como a problemática que se instaura quando uma instituição declara ser portadora da verdade e outros interesses se apresentam por grupos distintos. Os conflitos de interesse são inevitáveis.

Com o renascimento e o advento da Era Moderna ocorreu uma mudança de foco na mentalidade ocidental, na transição do teocentrismo medieval para o antropocentrismo moderno, novas concepções de fé cristã surgiram e o cisma protestante fez aparecer sobre a Terra novas visões acerca do conceito de “verdade cristã”. A burguesia que surgira e ganhara força no transitar da Idade Média para a Moderna começava a se tornar um poderoso autor histórico, fato que se concretizaria sob os ideais iluministas da Revolução Francesa⁵.

³ CHAUI, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2000.

⁴ Congregação para a Doutrina da Fé, CDF. Declaração *Dominus Iesus* sobre a unidade salvífica de Jesus Cristo e de sua Igreja, de 06 de agosto de 2000. São Paulo: Loyola, 2000.

⁵ HOBBAWM, Eric J. A Era das Revoluções 1789 – 1848. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

A Revolução Francesa, por sua vez, varreu a Europa e criou um amontoado de corpos, diga-se de passagem, com um volumoso número de clérigos e religiosos que não juraram obediência à Constituição Civil do Clero (1790), para defender os interesses de liberdade comercial, igualdade jurídica e fraternidade entre aqueles que mataram o rei, o até então “pai da nação”. Na luta contra o Antigo Regime, o primeiro estado, o clero, foi particularmente combatido; obviamente os ideais cristãos por eles defendidos também foram questionados e o relativismo e o subjetivismo ganharam peso frente à ideia de verdade universal defendida pela Igreja.

A reação católica aos ideais iluministas que se propagaram ao longo do século veio por meio das encíclicas papais. Gregório XVI (1831-1846) escreveu a *Mirari Vos*⁶ sobre o que chamou de “os principais erros de seu tempo” em quinze de agosto de 1832. Pio IX (1846-1878), que vivenciou o fim dos Estados Pontifícios frente à Unificação Italiana (1870), que ocorreu sob os ares iluministas e os ecos dos ideais revolucionários, posicionou-se de forma rígida contra estes pensamentos que se condensavam sob a alcunha de Modernismo e que avançariam sobre a história nos tempos contemporâneos. Aos oito de dezembro de 1864, o referido papa promulgava a encíclica *Quanta Cura*⁷ com um *Syllabus* (índice) contendo 80 daquilo que chamou de “principais erros do nosso tempo”. O 80º erro era a concepção de que “o Pontífice Romano pode e deve conciliar-se e transigir com o progresso, com o Liberalismo e com a

⁶ GREGÓRIO XVI, Papa. Carta Encíclica *Mirari Vos* sobre os principais erros de seu tempo, 15 agosto 1832. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=mirarivos&lang=bra>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

⁷ PIO IX, Papa. Carta Encíclica *Quanta Cura* sobre os principais erros da época, 8 dezembro 1864. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=quantaacura&lang=bra>>. Acesso em 23 ago. 2009.

Civilização moderna.”. São Pio X (1903-1914), por sua vez, escreveu a *Pascendi Dominici Gregis*⁸ sobre as doutrinas modernistas em oito de setembro de 1907.

Ora, fica claro o posicionamento papal acerca do mundo moderno e suas propostas, o chamado Modernismo. A Igreja deveria se manter como guardiã da verdade contra o mundo que propunha o liberalismo e suas reivindicações. Para combater estas propostas a Igreja, que perdia poder temporal, voltou-se para uma nova organização interna, o já anteriormente citado, Ultramontanismo. Por meio dessa política, que pode ser delimitada entre 1800 e 1960, tendo por referência os pontificados de Pio VII a Pio XII, houve uma reafirmação do magistério eclesiástico, a condenação à modernidade e a centralização de todos os atos da Igreja em Roma⁹.

Essa situação não foi mantida na Igreja após os anos 1960, e sua unidade de ação esfacelou-se, novas ondas se jogaram sobre a “barca de Pedro” e esta parece seguir ao sabor de correntes alheias à sua vontade. O marco inicial para esta realidade estaria no Concílio Ecumênico Vaticano (1962-1965). Nele, e com ele, novas vozes se fizeram ouvir no interior do Catolicismo e a Cúria Romana já não conseguiria manter seu controle sobre a hierarquia em seus mais diversos níveis.

Com o alvorecer dos anos sessenta do século XX, a Igreja, sob a liderança do papa João XXIII (1958-1963) começava a encarar o mundo de outra forma, o que seria desenvolvido sob a convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II, iniciado por João XXIII e concluído por Paulo VI (1963-1978), constitui-se como uma busca da Igreja Católica de se apresentar ao mundo moderno, onde a religião era questionada diante do desenvolvimento científico e do crescente antropocentrismo. O Vaticano II, para tanto, propôs mudanças no seio do

⁸ PIO X, Papa. Carta Encíclica *Pascendi Dominici Gregis* sobre as doutrinas modernistas, 8 setembro 1907. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=pascendi&lang=bra#>>. Acesso em: 23 ago. 2009

⁹ MANOEL, Ivan A. O Pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960). Maringá: Eduem, 2004.

catolicismo. Essas reorientações, no pós-Concílio, sobretudo no aspecto litúrgico, geraram uma interrupção com o período ultramontano da história eclesial e crises que ecoam até o momento hodierno.

Essas inovações têm levado os papas pós-conciliares a se posicionarem contra as mesmas; Paulo VI falara que a fumaça de Satanás entrara na Igreja: “*da qualche fessura sia entrato il fumo di Satana nel tempio di Dio*”¹⁰. João Paulo II (1978-2005) por meio de seu cardeal-prefeito da Congregação para Doutrina da Fé, Ratzinger, condenara as inovações no campo teológico e litúrgico da Igreja. O mesmo Ratzinger, que ao comandar os funerais de João Paulo II e fazer uma homilia conclamando os cardeais-eleitores a escolherem um sucessor para a Cátedra de Pedro que combatesse o que ele chamou de “ditadura do relativismo” seria eleito o novo papa, Bento XVI. É significativo, o fato de que em seu brasão arquiépiscopal e cardinalício constava o mote *Cooperatores Veritatis*, uma referência à terceira epístola de João (III Jo 1, 8) e seu intuito em ser um *cooperador pela verdade*. Esta citação intitula este trabalho.

Como papa, Ratzinger procurou dar sequência ao seu combate contra certos acontecimentos no interior da Igreja que se efetivaram após o Vaticano II. Enquanto cardeal, ele chegara a entender a *Gaudium et Spes*, a Constituição Pastoral do referido Concílio que apresenta a Igreja nos dias atuais, como uma espécie de *anti-Syllabus*¹¹.

Ora, o cardeal vislumbrava que o Vaticano II e seus frutos poderiam ter causado uma ruptura na história da Igreja, em seu posicionamento. A Igreja teria dentro dela o que combateu por séculos, o Modernismo.

Na esteira do Concílio, as novidades foram sendo incorporadas ao sabor de ventos estranhos ao catolicismo, de modo particular na liturgia, que expressa de forma externa o que a Igreja professa enquanto fé. Dom Aloísio Roque

¹⁰ Paulo VI, Papa. *Solennità dei Santi Apostoli Pietro e Paolo Giovedì*, 29 giugno 1972. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1972/documents/hf_pvi_hom_197206_29_it.html>. Acesso em: 22 mai. 2008.

¹¹ RATZINGER, J. *Teoria dos Princípios Teológicos*, Editorial Herder, Barcelona, 1985.

Oppermann, scj, arcebispo de Uberaba desde 1996, fala de uma falta de preparo disciplinar e desobediência na aplicação do que era discutido no Concílio e propagado pela imprensa muito antes de ser aprovado. Segundo o arcebispo, que na época compunha o grupo dos jovens padres conciliares o ardor pelas inovações guiou muito das práticas que se iniciavam¹².

Na América Latina despontava a Teologia da Libertação, que, calcando-se em uma determinada interpretação do Vaticano II, da *Gaudium et Spes* em particular, propunha um modelo de Igreja sem uma hierarquia rígida e sob os auspícios da visão marxista vislumbrava a instalação de uma nova sociedade em que as comunidades eclesiais deveriam estar à frente de um processo de mudança¹³.

Nos anos setenta, e com forte crescimento nos oitenta, viam-se diversos bispos e padres instalarem em suas dioceses e paróquias novos conceitos acerca da fé católica refletida em novas organizações da comunidade e da liturgia, como é caso brasileiro da Diocese de Goiás que, com a posse de Dom Tomás Balduino, em 1967, viu a religiosidade tradicional ser combatida em nome daquilo que se nomeou “Igreja do Evangelho”¹⁴.

A verdade, vista como universal, defendida pela Igreja se esfacelava em cacos e o todo já não era mais visto uniformemente. Em interpretações subjetivas, dadas diante de realidades sociais particulares a unidade da fé se perdia, fato expresso em inovações litúrgicas que se construía. João Paulo II, por meio da atuação do Cardeal Ratzinger, como prefeito da Congregação para

¹² OPPERMANN, scj, Dom Aloísio Roque, bispo. Abusos Persistem. Disponível em <http://www.arquidiocesedeuberaba.org.br/colunista_d.php?colunista=4&materia=180>. Acesso em 20 ago. 09.

¹³ BOFF, Leonardo. Igreja carisma e poder. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

¹⁴ ANDRADE, William César. Arroz e timbete: a recepção do Concílio Vaticano II. in História das Religiões. São Paulo: Paulinas, 2006.

Doutrina da Fé, condenara o movimento acima citado como uma deturpação ideológica¹⁵.

No ponto oposto do posicionamento materialista da Teologia da Libertação, mas também se arrogando interpretação legítima do Vaticano II, surgiu a Renovação Carismática Católica. Sua origem remonta ao final dos anos sessenta, nos Estados Unidos, quando se pretendeu dar “continuidade entre o neo-pentecostalismo católico e pentecostalismo protestante dos anos 1900, bem como entre este e o ‘revivalismo’ americano do século XIX”¹⁶. Ora, inseria-se dentro do catolicismo práticas e conceitos protestantes e a até então defendida verdade, mais uma vez, diluía-se sob os tempos pós-conciliares.

A identidade católica, marcada por acreditar defender a verdade, encontrava-se assinalada por pontos de vista múltiplos, conflitantes e até opostos. A tradição, que buscou guardar o patrimônio da fé católica, para a Igreja, a verdade revelada por Deus, perdia espaço para as novidades do mundo moderno: em missas, por exemplo, o som do órgão começou a desaparecer dando lugar a guitarras e baterias; os clérigos abandonavam a veste talar, a batina, substituindo-a pelo *clergyman* protestante e depois por roupas civis; os hábitos mudavam e, embora Paulo VI tenha condenado o controle de natalidade¹⁷, os católicos faziam uso de anticoncepcionais.

A unidade foi perdida frente ao subjetivismo, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade estavam diluídos nas vontades individuais de clérigos que olhavam para a sede do papado como um instrumento centralizador e incapaz de compreender as realidades locais. Para justificar atitudes de desobediência apelavam para o Concílio, visto desde então como espécie de

¹⁵ CDF. Instrução *Libertatis Nuntius* sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação, de 06 de agosto de 1984. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/article/4504>>. Acesso em: 03 set. 2007.

¹⁶ GÉREST, Claude et ALLII. A Hora dos Carismas, in Revista Concilium, 1977 / 79, Número 129, Vozes, Petrópolis, p. 16.

¹⁷ PAULO VI, Papa. Carta Encíclica *Humanae Vitae* sobre a regulação da natalidade, 25 julho 1968. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae_po.html>. Acesso em: 22 mai. 2008.

revolução interna no seio da Igreja, e se atribuíam o direito de interpretá-lo legitimamente.

Esta situação parece ter guiado os pensamentos de Bento XVI que, desde seu primeiro discurso à Cúria Romana, propôs uma visão de continuidade histórica do Concílio Vaticano II com o passado da Igreja, negando uma possível ruptura e reafirmando a condenação ao mundo moderno e àquilo que chamou de ditadura do relativismo.

O pontificado de Ratzinger foi marcado desde seu início por uma postura frente ao Vaticano II, a de uma *Hermenêutica da Continuidade* com a tradição católica. Em seu primeiro discurso de final de ano para Cúria Romana o papa condenou uma interpretação do Concílio como ruptura. Após este discurso de posicionamento, que busca uma coerência com a história e filosofia da Igreja, um processo gradual se arrastaria até os dias atuais e culminaria na questão litúrgica:

O último acontecimento deste ano, sobre o qual gostaria de me deter nesta ocasião, é a celebração do encerramento do Concílio Vaticano II, há quarenta anos. Tal memória suscita a interrogação: qual foi o resultado do Concílio? Foi recebido de modo correto? O que, na recepção do Concílio, foi bom, o que foi insuficiente ou errado? O que ainda deve ser feito? Ninguém pode negar que, em vastas partes da Igreja, a recepção do Concílio teve lugar de modo bastante difícil, mesmo que não se deseje aplicar àquilo que aconteceu nestes anos a descrição que o grande Doutor da Igreja, São Basílio, faz da situação da Igreja depois do Concílio de Niceia: ele compara-a com uma batalha naval na escuridão da tempestade, dizendo entre outras coisas: "O grito rouco daqueles que, pela discórdia, se levantam uns contra os outros, os palavreados incompreensíveis e o ruído confuso dos clamores ininterruptos já encheram quase toda a Igreja falsificando, por excesso ou por defeito, a reta doutrina da fé..." (*De Spiritu Sancto*, XXX, 77; PG 32, 213 A; Sch 17 bis, pág. 524). Não queremos aplicar exatamente esta descrição dramática à situação do pós-Concílio, todavia alguma coisa do que aconteceu se reflete nele. Surge a pergunta: por que a recepção do Concílio, em grandes partes da Igreja, até agora teve lugar de modo tão difícil? Pois bem, tudo depende da justa interpretação do Concílio ou como diríamos hoje da sua correta

hermenêutica, da justa chave de leitura e de aplicação. Os problemas da recepção derivaram do fato de que duas hermenêuticas contrárias se embateram e disputaram entre si. Uma causou confusão, a outra, silenciosamente mas de modo cada vez mais visível, produziu e produz frutos. Por um lado, existe uma interpretação que gostaria de definir "hermenêutica da descontinuidade e da ruptura"; não raro, ela pôde valer-se da simpatia dos *mass media* e também de uma parte da teologia moderna. Por outro lado, há a "hermenêutica da reforma", da renovação na continuidade do único sujeito-Igreja, que o Senhor nos concedeu; é um sujeito que cresce no tempo e se desenvolve, permanecendo porém sempre o mesmo, único sujeito do Povo de Deus a caminho. A hermenêutica da descontinuidade corre o risco de terminar numa ruptura entre a Igreja pré-conciliar e a Igreja pós-conciliar. Ela afirma que os textos do Concílio como tais ainda não seriam a verdadeira expressão do espírito do Concílio.¹⁸

Após este discurso de posicionamento, um processo gradual se arrastaria até os dias atuais e culminaria na questão litúrgica. Somente no terceiro ano do pontificado de Bento XVI é que foi publicado o *Motu Proprio*¹⁹ *Summorum Pontificum*²⁰ declarando a plena liberdade à liturgia romana anterior à reforma de 1970; o que expressa bem como uma instituição de cerca de dois mil anos procede em relação ao tempo. Diante disso alguns dados foram coletados e são apresentados abaixo. Bento XVI assumira o caráter litúrgico da Igreja, sua expressão externa da fé para conduzir um processo de reafirmação de sua verdade.

No Vaticano II foi pedido que a liturgia passasse por reformas, mas a mesma foi completamente alterada com inúmeras inovações. O latim fora abandonado e a unidade perdida. O canto gregoriano foi, aos poucos,

¹⁸ BENTO XVI. Discurso aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia_po.html>. Acesso em: 23 maio 2008.

¹⁹ *Motu Proprio* é um documento elaborado por um papa que expressa sua vontade pessoal.

²⁰ *Summorum Pontificum* é o título do referido *Motu Proprio*, que em latim significa "dos Sumos Pontífices", palavras que iniciam o documento, numa referência a preocupação com a liturgia (culto divino) que os *Sumos Pontífices* apresentaram em seus pontificados.

substituído por cantos populares e a catequese foi sendo deixada de lado. Uma clara expressão do relativismo e subjetivismo que estão presentes hoje na Igreja.

Segundo Ratzinger, há uma crise na Igreja após o Vaticano II, ela se deve a uma interpretação errônea do Concílio e esta problemática está ligada diretamente à ação litúrgica da Igreja, na qual se expressa de forma externa o que professa internamente. Nesse âmbito, é salutar realçar o tom conciliador do Pontífice, fato não tão claro no Ratzinger-cardeal, que não negava a possível existência de uma ruptura como o Ratzinger-Papa. Em suas Memórias, o então Prefeito da Congregação para Doutrina da Fé dizia:

Decepcionou-me a quase total proibição do missal antigo, pois nada parecido tinha-se verificado durante toda a história da liturgia. Dava-se a impressão de que o que estava acontecendo era normal: o missal antigo teria sido criado por Pio V em 1570 em conexão com o Concílio de Trento; portanto seria normal que, após quatrocentos anos e um novo concílio, um novo papa nos apresentasse com um novo missal. Entretanto, a verdade histórica sobre o assunto é diferente. Pio V havia apenas ordenado uma reelaboração do *Missale Romanum* então utilizado, o que é a prática normal em vista do desenvolvimento da história através do curso dos séculos. Muitos de seus sucessores, da mesma forma, reelaboraram o missal novamente, mas jamais contrapondo um missal contra outro. Era um processo contínuo de aperfeiçoamento e purificação no qual a continuidade jamais foi destruída. Não existe um 'Missal de Pio V', criado pelo próprio Pio V. Há apenas a revisão feita por Pio V como uma fase numa longa história de crescimento [...] Nesse caso (de S. Pio V) não podemos falar de uma proibição de um missal prévio que antes havia sido formalmente aprovado como válido. A proibição do missal que agora estava sendo decretada, um missal que conheceu contínuo aperfeiçoamento durante os séculos, tendo início com os sacramentários da Igreja antiga, introduziu uma ruptura na história da liturgia cujas consequências somente podiam ser trágicas. Seria razoável, e direito do Concílio, determinar uma revisão do missal tal como tinha ocorrido antes, e desta vez deveria ser mais aprofundada do que antes, especialmente em razão da introdução do vernáculo. Mas muito mais do que isso aconteceu: o velho edifício foi demolido e outro foi construído, certamente com largo uso de materiais do anterior e mesmo usando os velhos desenhos da construção.

Não há dúvida de que esse novo missal em muitos aspectos trouxe uma real melhora e enriquecimento; mas colocá-lo como uma construção nova contra o que crescera historicamente, proibindo os resultados desse crescimento histórico, fez a liturgia parecer não mais um desenvolvimento vivo mas o produto de um trabalho erudito e da autoridade jurídica; isso nos causou enorme dano. [...] Uma renovação da consciência litúrgica, uma reconciliação litúrgica que reconheça novamente a unidade da história da liturgia e que entenda o Vaticano II não como uma ruptura, mas como um estágio de desenvolvimento: essas coisas são urgentemente necessárias para a vida da Igreja. Estou convencido de que a crise que na Igreja que experimentamos hoje é em larga medida devida à desintegração da liturgia.²¹

Frente a essas considerações iniciais, que buscam conciliar opiniões em um início de Papado, Bento XVI não polemiza diretamente o Concílio e seus efeitos, mas as ações que se desenvolveram no tempo foram configurando o Pontificado que se iniciava. É possível destacar alguns atos por parte da Santa Sé que lançam luzes sobre esta problemática. Uma primeira ação diz respeito à Congregação para o Culto Divino, com seu então prefeito Cardeal Francis Arinze, que em 17 de outubro de 2006 escreveu a todas as conferências episcopais do mundo ordenando uma mudança na tradução do *Novus Ordo*:

Em julho de 2005, esta Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, por acordo com a Congregação para a Doutrina da Fé, escreveu a todos os Presidentes das Conferências Episcopais para requisitar sua opinião ponderada acerca da tradução, para os diversos vernáculos, da expressão *pro multis* na fórmula para a consagração do Preciosíssimo Sangue durante a celebração da Santa Missa (ref. Prot. N. 467/05/L de 9 de julho de 2005). As respostas recebidas das Conferências Episcopais foram estudadas pelas duas Congregações e um relato foi feito para o Santo Padre. Sob a direção dele, esta Congregação agora escreve a Sua Eminência/Excelência nos seguintes termos: 1. Um texto correspondente às palavras *pro multis*, transmitido pela Igreja, constitui a fórmula em uso pelo Rito Romano em Latim desde os primeiros séculos. Nos últimos 30 anos aproximadamente,

²¹ RATZINGER, J. *Milestones – Memoirs 1927-1977*. San Francisco, Ignatius Press, 1998, p. 146.

alguns textos em vernáculo aprovados contiveram a tradução interpretativa "por todos", "per tutti", ou equivalentes. [...] De acordo com a Instrução *Liturgiam Authenticam*, deve haver o esforço para uma maior fidelidade aos textos latinos contidos nas edições típicas.

As Conferências dos Bispos daqueles países onde a fórmula "por todos" ou sua equivalente está atualmente em vigor são, portanto, requisitadas a realizar a catequese necessária aos fiéis sobre essa questão nos próximos um ou dois anos, para prepará-los para a introdução de uma tradução vernacular precisa da fórmula *pro multis* (ou seja, "por muitos", "per multi", etc.) na próxima tradução do Missal Romano que os Bispos e a Santa Sé aprovarem para uso em seu país.²²

Uma segunda ação, por parte da Santa Sé, vem da Congregação para o Clero, com a ereção do Instituto Bom Pastor, que tem por meta celebrar exclusivamente a Missa Tridentina:

Na manhã do dia 8 de setembro de 2006 [...] o cardeal Dario Castrillon Hoyos, prefeito da Congregação para o Clero e encarregado da Comissão *Ecclesia Dei*, assinou o decreto de ereção do instituto de direito pontifical do Bom Pastor. Trata-se de uma sociedade de vida apostólica dependendo ao mesmo tempo da Comissão *Ecclesia Dei* e da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. Nesse decreto, o cardeal Hoyos aprovou os estatutos do novo instituto que tem por superior geral um padre excluído da Fraternidade São Pio X, o radiante padre Philippe Laguérie.

Para fontes do Vaticano, a novidade reside no fato de que "o próprio Bento XVI desejou esse procedimento" no qual "o missal tradicional de São Pio V não é um missal a parte, mas, uma forma extraordinária do único rito romano". O Vaticano, como entre os membros do novo instituto, insiste em dizer que "este acordo corresponde às solicitações outrora feitas por Dom Lefebvre", separado de Roma em 1988.²³

²² MONTFORT Associação Cultural. *Pro multis* significa "por muitos", decide o Vaticano. (18 de novembro de 2006). Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=imprensa&subsecao=igreja&artigo=20061118&lang=bra>>. Acesso em: 07 mar. 2007.

²³ MONTFORT Associação Cultural. Vaticano erige novo instituto tradicionalista. (08 de setembro de 2006). Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=imprensa&subsecao=igreja&artigo=20060908&lang=bra>> Acesso em: 07 mar. 2007.

Bento XVI chamou atenção da imprensa internacional quando divulgou em 13 de março de 2007, a Exortação Apostólica pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, na qual o pontífice recomendou o uso do latim e do canto gregoriano na liturgia:

[42] [...] em liturgia, não podemos dizer que tanto vale um cântico como outro; a propósito, é necessário evitar a improvisação genérica ou a introdução de gêneros musicais que não respeitem o sentido da liturgia. Enquanto elemento litúrgico, o canto deve integrar-se na forma própria da celebração; conseqüentemente, tudo — no texto, na melodia, na execução — deve corresponder ao sentido do mistério celebrado, às várias partes do rito e aos diferentes tempos litúrgicos. Enfim, embora tendo em conta as distintas orientações e as diferentes e amplamente louváveis tradições, desejo — como foi pedido pelos padres sinodais — que se valorize adequadamente o canto gregoriano, como canto próprio da liturgia romana.

[62] [...] A fim de exprimir melhor a unidade e a universalidade da Igreja, quero recomendar o que foi sugerido pelo Sínodo dos Bispos, em sintonia com as diretrizes do Concílio Vaticano II: excetuando as leituras, a homilia e a oração dos fiéis, é bom que tais celebrações sejam em língua latina [...].²⁴

Já, na V Conferência Episcopal da América Latina e do Caribe, no Brasil, uma intervenção do cardeal Darío Castrillón Hoyos, presidente da Pontifícia Comissão *Ecclesia Dei*, em 16 de maio de 2007, deixou claro as intenções de Bento XVI no que tange a questão litúrgica, pois, segundo Hoyos, foi constatado em todo o mundo, de um modo particular na juventude, um aumento de interesse pelo rito tridentino, o rito anterior à reforma do Vaticano II.

Esses acontecimentos tornam-se claros e interligados apenas quando se tem em mente a promulgação do referido *Motu Proprio*. Sendo assim, constata-se que a primeira questão favorece este estudo no sentido em que se propõe uma “reforma da reforma”, ou melhor, uma restauração da mentalidade

²⁴ Bento XVI. Exortação Apostólica pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis_po.html#>. Acesso em: 14 mar. 2007.

litúrgico-católica, na qual o trabalho realizado pela Congregação para o Culto Divino elucidada a realidade litúrgica da Igreja Católica, onde, no ímpeto das reformas conciliares oriundas do Vaticano II, houve uma perda de referência, já que, que algumas traduções tornaram-se traições à tradição.

O fato de se ter traduzido *pro multis* (por muitos) para uma versão não-literal: por todos, trouxe consigo um novo sentido interpretativo da Doutrina da Salvação, dando a entender que todos serão salvos por meio do sacrifício de Cristo, o que abre margem para ignorar qualquer ação pessoal na busca pela graça salvífica. É salutar mencionar que até a data da escrita destas linhas, no Brasil, nenhuma alteração foi feita. O que, evidentemente, demonstra uma resistência à atuação de Bento XVI.

Tal questão evoca mais uma vez o adágio: *lex orandi, lex credenti*²⁵, ao rezar de uma determinada forma abriu-se caminho para uma nova forma de interpretação e de crença. De modo significativo, este se tornou o ponto culminante para a ação de Arinze, o que parece ser o início de uma nova reforma.

Quanto ao segundo ponto, a ação de Bento XVI em criar o Instituto Bom Pastor preservando o direito de se celebrar a Missa Tridentina, percebe-se uma continuação da reaproximação com os grupos que não aceitaram as inovações conciliares, procurando manter a liturgia e a tradição católicas intactas, sem inovações.

Já o terceiro ponto, as recomendações de Bento XVI, apoiadas no Sínodo dos Bispos que decorreu de 2 a 23 de Outubro de 2005 no Vaticano e na interpretação oficial do II Concílio Ecumênico do Vaticano, esboçam a vontade pessoal do atual Pontífice. Ao recomendar o canto gregoriano e o latim na liturgia, recuperaram-se duas características marcantes do rito tradicional romano que praticamente desapareceram na atual maneira de celebrar a missa.

²⁵ “A lei da oração [é] a lei da crença”: refere-se à relação entre culto e crença, e é um antigo princípio cristão que forneceu uma medida para o desenvolvimento dos antigos credos cristãos.

Por fim, o quarto aspecto levantado neste trabalho expressa de forma clara em que sentido Bento XVI e a Cúria Romana vinham trabalhando, o que comprova as intenções de um Papa preocupado com as questões internas da Igreja. Sua experiência, por anos, como principal defensor da fé, transparece em suas atuações no campo da liturgia. A liberação do Rito Tridentino para qualquer padre que nele queira celebrar sem consentimento de seu bispo expressa medidas que num passado não muito distante seriam chamadas de “ultramontanas”.

Retomando o pensamento de Ivan Manoel (2004), anteriormente citado, de 1800 a 1960 a Igreja Romana assumiu uma política de centralização e tradicionalismo, o magistério tradicional foi reforçado, o modernismo condenado e o poder eclesial centralizado.

Outras ações de Bento XVI no campo litúrgico e, portanto, de reafirmação da verdade católica caminharam neste sentido. Após “promover” mons. Piero Marini e convocar um novo mestre de cerimônias pontifícias, mons. Guido Marini, as celebrações papais ganharam novo adorno. O papa celebrou na forma ritual de Paulo VI *Versus Deum*²⁶, usando casulas góticas e com um “novo” báculo, o de Pio IX.

O fato de usar paramentos de seus antigos predecessores evoca de maneira concreta seu pensamento; ao se paramentar com a mitra de Pio IX, a estola de São Pio V e trono usado por São Pio X, pode-se cogitar que Bento XVI deseja dizer que em sua mente estão as ideias do papa anti-modernista, Pio IX, em seus ombros o poder sacerdotal como na Missa de São Pio V (Rito Tridentino) e o Governo da Igreja como o de São Pio X.

Mons. Guido, também um Marini, demonstrara responder aos anseios litúrgicos de Bento XVI, preparando cerimônias que retomam a grandeza da

²⁶ “*De frente para Deus*”: a posição comum da missa em sua tradição, com o padre voltado para o altar e a cruz, uma alusão ao voltar-se para o oriente. Todos, padre e comunidade olham na mesma direção.

liturgia papal tradicional, sem maiores inovações, e que procuram transmitir a ideia de continuidade pregada por Bento XVI.

O tradicional se mescla ao moderno, mas se sobressai frente ao passado recente que o destituiu da cena pública. A retomada gradual de gestos, símbolos e paramentos ganham peso no processo reformista que ocorre no presente. A história eclesiástica é constantemente evocada como legitimadora e sustentáculo de qualquer ação papal, unge-se o passado de significados com forte peso para a realidade da Igreja, uma mensagem é transmitida com calma e em doses homeopáticas, mas alguns resultados já são claros.

Persistindo nessas adequações, pôde-se perceber o retorno à comunhão na boca e de joelhos, como é no Rito Tridentino. O retorno do genuflexório nas missas papais busca retomar o sentido do sagrado, da presença real de Cristo na Eucaristia, fato não tão claro na nova missa, que, como o próprio Ratzinger fazia alusão, degenerou-se em *show*²⁷.

Na aparente estática e calma de uma instituição bimilenar, percebe-se o movimento cauteloso mas, ao mesmo tempo, enfático do Pontífice que em 21 de janeiro de 2009, retirou a excomunhão que recaía sobre os quatro bispos sagrados por monsenhor Lefebvre, abrindo caminho para um diálogo crítico acerca do Concílio Vaticano II e para o restabelecimento da plena comunhão com a Sé de Pedro para os que se agremiaram à Fraternidade São Pio X²⁸.

As reações à ação do papa foram as mais diversas, mesmo os judeus se sentiram ofendidos, pois o bispo Richard Williamson²⁹, em uma entrevista recente, havia questionado o número de mortos no Holocausto. O clero

²⁷ RATZINGER, J. A Missa Degenerada em Show. In K. GAMBER, *La Reforme Liturgique En Question*, *Paru: Sainte-Madeleine*, 1992. Disponível em: <<http://thefaihofalonelycatholic.blogspot.com/2007/11/ratzinger-critica-reforma-litrgica.html>>. Acesso em 25 mai. 2008.

²⁸ A referida fraternidade fundada por mons. Lefebvre surgiu em oposição ao que se fazia em termos de inovações no Vaticano II. Mantiveram-se afastados de Roma, nunca aceitando as mudanças litúrgicas ou pastorais da Igreja. Por sagrarem novos bispos sem o consentimento do Vaticano, foram excomungados.

²⁹ Um dos bispos que recebera o perdão papal.

modernista viu tal revogação como um ato de questionamento ao Vaticano II e Pontífice teve de se pronunciar e esclarecer os fatos:

A remissão da excomunhão aos quatro Bispos, consagrados no ano de 1988 pelo Arcebispo Lefebvre sem mandato da Santa Sé, por variadas razões suscitou, dentro e fora da Igreja Católica, uma discussão de tal veemência como desde há muito tempo não se tinha experiência. Muitos Bispos sentiram-se perplexos perante um facto que se verificou inesperadamente e era difícil de enquadrar positivamente nas questões e nas tarefas actuais da Igreja. Embora muitos Bispos e fiéis estivessem, em linha de princípio, dispostos a considerar positivamente a decisão do Papa pela reconciliação, contra isso levantava-se a questão acerca da conveniência de semelhante gesto quando comparado com as verdadeiras urgências duma vida de fé no nosso tempo. Ao contrário, alguns grupos acusavam abertamente o Papa de querer voltar atrás, para antes do Concílio: desencadeou-se assim um avalanche de protestos, cujo azedume revelava feridas que remontavam mais além do momento. Por isso senti-me impelido a dirigir-vos, amados Irmãos, uma palavra esclarecedora, que pretende ajudar a compreender as intenções que me guiaram a mim e aos órgãos competentes da Santa Sé ao dar este passo. Espero deste modo contribuir para a paz na Igreja. [...]

A remissão da excomunhão tem em vista a mesma finalidade que pretende a punição: convidar uma vez mais os quatro Bispos ao regresso. Este gesto tornara-se possível depois que os interessados exprimiram o seu reconhecimento, em linha de princípio, do Papa e da sua potestade de Pastor, embora com reservas em matéria de obediência à sua autoridade doutrinal e à do Concílio. E isto traz-me de volta à distinção entre pessoa e instituição. A remissão da excomunhão era um provimento no âmbito da disciplina eclesiástica: as pessoas ficavam libertas do peso de consciência constituído pela punição eclesiástica mais grave. É preciso distinguir este nível disciplinar do âmbito doutrinal. O facto de a Fraternidade São Pio X não possuir uma posição canónica na Igreja não se baseia, ao fim e ao cabo, em razões disciplinares mas doutrinárias. Enquanto a Fraternidade não tiver uma posição canónica na Igreja, também os seus ministros não exercem ministérios legítimos na Igreja. Por conseguinte, é necessário distinguir o nível disciplinar, que diz respeito às pessoas enquanto tais, do nível doutrinal em que estão em questão o ministério e a instituição. Especificando uma vez mais: enquanto as questões relativas à doutrina não forem esclarecidas, a Fraternidade não possui qualquer estado canónico na Igreja, e os seus ministros – embora tenham sido

libertos da punição eclesiástica – não exercem de modo legítimo qualquer ministério na Igreja.

À luz desta situação, é minha intenção unir, futuramente, a Comissão Pontifícia «*Ecclesia Dei*» – instituição competente desde 1988 para as comunidades e pessoas que, saídas da Fraternidade São Pio X ou de idênticas agregações, queiram voltar à plena comunhão com o Papa – à Congregação para a Doutrina da Fé. Deste modo torna-se claro que os problemas, que agora se devem tratar, são de natureza essencialmente doutrinal e dizem respeito sobretudo à aceitação do Concílio Vaticano II e do magistério pós-conciliar dos Papas. Os organismos colegiais pelos quais a Congregação estuda as questões que se lhe apresentam (especialmente a habitual reunião dos Cardeais às quartas-feiras e a Plenária anual ou bienal) garantem o envolvimento dos Prefeitos de várias Congregações romanas e dos representantes do episcopado mundial nas decisões a tomar. Não se pode congelar a autoridade magisterial da Igreja no ano de 1962: isto deve ser bem claro para a Fraternidade. Mas, a alguns daqueles que se destacam como grandes defensores do Concílio, deve também ser lembrado que o Vaticano II traz consigo toda a história doutrinal da Igreja. Quem quiser ser obediente ao Concílio, deve aceitar a fé professada no decurso dos séculos e não pode cortar as raízes de que vive a árvore.³⁰

A longa citação em português ibérico se faz necessária, pois expressa alguns pontos de suma importância para a compreensão do pontificado de Bento XVI. Primeiramente, há de se notar que, mesmo sendo uma carta de reação e esclarecimento, ela reforça o poder da Sé Petrina frente aos levantes e questionamentos da atitude papal; em segundo lugar, mas não em inferioridade, percebe-se um novo movimento de Bento XVI: o Papa anuncia a união da Comissão *Ecclesia Dei* à Congregação para Doutrina da Fé, ou seja, a questão não é meramente pelo gosto litúrgico, ou pelas inovações conciliares, mas ambas, a liturgia e a reforma pós-Vaticano II tangem a questão da fé. O

³⁰ BENTO XVI, Papa. Carta de Sua Santidade Bento XVI aos Bispos da Igreja Católica a propósito da remissão da excomunhão aos quatro bispos consagrados pelo arcebispo Lefebvre. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2009/documents/hf_benxvi_let_20090310_remissione-scomunica_po.html>. Acesso em: 10 mar. 2009.

problema litúrgico é um problema da fé professada pela Igreja, as inovações conciliares são uma questão de fé.

O âmbito do diálogo que se traçava possibilidade de uma plena união da Fraternidade Sacerdotal São Pio X com Roma. Esta perspectiva diz respeito à fé, à verdade católica, a questão da não-aceitação do Concílio ou de sua aceitação devem se alicerçar neste ponto fulcral. É conveniente destacar que a atuação dialogal do papa Ratzinger busca levar ao fim a ruptura conciliar, desenvolvendo uma hermenêutica da continuidade. Para tanto, o papel dos que não aceitaram o Concílio é fundamental. Não só o Instituto do Bom Pastor, mas agora as negociações com a Fraternidade, poderiam favorecer a vontade papal: o fim da ruptura que o papa procura superar por meio uma visão de continuidade com tradição.

Dessa forma, pode-se entender que aquilo que o Vaticano II propôs em termos litúrgicos não foi ainda posto em prática e que a ideia de reforma com o Missal de Paulo VI levou à mudança, uma mudança que gerou crises e não revigoramento, uma ruptura e não um desenvolvimento orgânico da tradição. A ruptura na prática litúrgica é antes de tudo uma expressão de ruptura na fé professada pela Igreja. Ao negar uma interpretação de cisão do Concílio e propor uma hermenêutica da continuidade que se instaura a partir da liturgia e quer se refletir nela, o papa Ratzinger buscara restabelecer os eixos tradicionais do catolicismo.

Bento XVI, seguindo esta perspectiva, ainda se deteve sobre a figura do sacerdote católico. Aos 19 de junho de 2009, na solenidade do Sacratíssimo Coração de Jesus, o papa Ratzinger deu início a um “Ano Sacerdotal”. O ano em questão liga-se ao 150º aniversário da morte de São João Maria Vianney (1786-1859), o patrono de todos os párocos do mundo. Este modelo, escolhido pelo papa, reflete perfeitamente seu projeto de reforma, na carta de

proclamação do ano sacerdotal, Bento XVI faz forte referência ao papel do padre e da liturgia tendo como exemplo a atuação do *Cura d'Ars*, São João.³¹

Sacrifício da Cruz, Sacrifício do Altar, a Missa e o Confessionário, eis aí palavras de ordem que o papa desejava ver os padres vivenciando. O referencial do sacerdote, como chama a atenção Bento XVI, deve ser a missa, os sacramentos; enfim a oração. Ora, um padre que fique mais dentro da igreja, e esta entendida como o local do culto a Deus e não como sede de mais uma ONG humanitária.

Um modelo de padre para os tempos hodiernos não é retirado do pós-Vaticano II, mas de um dos períodos mais avassaladores para a história da Igreja, o dos ecos da Revolução Francesa. Mortificação, oração e caridade contra os ventos revolucionários que questionavam os ensinamentos da Igreja. Os tempos e os ventos são outros, mas a resposta de Bento XVI para estes parece a mesma.

Estas perspectivas, desde a questão litúrgica até a indicação do modelo de padre, geraram reações dos mais diversos setores. Dentre as vozes contrárias fora da Igreja, um agrupamento merece destaque, o Grande Oriente da França. Esta organização maçônica se mostrou preocupada com o que chamou de “Um inquietante retorno do religioso”, em seu site oficial, no ano de 2007, divulgou a seguinte nota, aqui traduzida do original em francês:

Vivemos atualmente — na França como em todo o Ocidente — uma verdadeira revolução silenciosa caracterizada por um retorno inquietante do fenômeno religioso. Sob o assalto de correntes e doutrinas as mais reacionárias, eis que o Homem — moderno, pós-moderno — nos é apresentado plenamente desabrochado graças à redescoberta do fato religioso.

Assim, lentamente, assistimos o triunfo do sujeito religioso, apagando, pouco a pouco, o sujeito político, racional universal.

³¹ BENTO XVI. Carta do Sumo Pontífice Bento XVI para a Proclamação de um Ano Sacerdotal por Ocasão do 150º Aniversário do *Dies Natalis* do Santo Cura D'ars. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2009/documents/hf_benxvi_let_20090616_anno-sacerdotale_po.html>. Acesso em: 16 jun. 2009.

Essa mudança de rumo histórica se reveste dos maiores perigos. As Antiluzes estão em vias de obter sua desforra.

Como não constatar que as diferentes igrejas e os diferentes cleros — todas as religiões misturadas — se arrogam novos direitos a cada dia que passa. Diante da fraca resistência das instituições democráticas e republicanas na Europa, eles exigem cada vez mais vantagens.

Aqui, trata-se de modernizar uma lei de 1905 tornada repentinamente arcaica; acolá ainda, por ver o Vaticano beatificar as vítimas religiosas da Guerra Civil espanhola, exatamente na hora em que essa grande democracia tenta corajosamente examinar seu doloroso passado; ou ainda mais recentemente, assistir o incrível retorno «das indulgências plenárias» prometidas pelo Papa Bento XVI, aos peregrinos de Lourdes, em 2008.

Todos esses numerosos sinais não poderiam nos enganar. Eles são duplamente inquietantes diante da fraca resistência das instituições republicanas como diante do eco favorável que o conjunto dos meios mediáticos lhes reserva.

Eis-nos em presença de uma verdadeira ofensiva intelectual e cultural.

O Grande Oriente da França quer manifestar a sua mais viva inquietude diante desse desequilíbrio persistente entre os pensamentos religiosos e os pensamentos agnósticos ou ateus em detrimento dos últimos.

Quem não vê que suas virtudes emancipadoras soam falso quando se trata de submeter os Homens a uma ordem ultrapassada e não de as libertar?

O Grande Oriente de França apela à mais extrema vigilância face a esta ofensiva geral que trabalha contra a emancipação dos Homens, contra sua Liberdade.³²

É interessante destacar, que o Grande Oriente da França está se colocando contra o retorno daquilo que chamou de homem religioso, elenca as religiões, mas cita nominalmente apenas a Igreja Católica e o papa Bento XVI, entendendo as ações deste último em um cenário contrário ao Iluminismo, antiluzes.

³² GRANDE ORIENTE DA FRANÇA (GOF). *Un inquietant retour du religieux*, de 12 de dezembro de 2007. Disponível em: <<http://www.godf.org/index.php/actualite/details/liens/position/nom/Prise-de-position/slug/un-inquietant-retour-du-religieux>>. Acesso em: 12 dez 2007.

Ao buscar se definir, mostrar sua identidade, a partir da verdade defendida pela Igreja, enfatizando seus elementos de maior destaque, as problemáticas dogmáticas em uma linha de continuidade com o período ultramontano, Bento XVI construía sua hermenêutica da história recente da Igreja, visando romper a crise a que se encontrara. É salutar destacar, mais uma vez, que o modelo de padre que o mesmo evocou foi o de São João Maria Vianney que, por sua vez, enfrentara os ares iluministas.

Sua última ação como papa, pouco antes de renunciar alegando não ter mais forças físicas e espirituais para enfrentar as crises a que se encontrava a Igreja em meio a escândalos de pedofilia, corrupção na Cúria e no banco do Vaticano, foi convocar um Ano da Fé (2012-2013). Há de se ver nisso a tentativa de defesa do patrimônio da fé católica, de sua verdade; o que confirma mais uma vez este período de crise identitária a que passa a Igreja.

Especular sobre os motivos desta ausência de forças físicas e espirituais não é o objetivo destas linhas. O que se pode é, tendo em vista esta trajetória brevemente descrita acima, entender que, de fato, ao propor a integridade da verdade católica o pontífice passou a sofrer fortes resistências que se fizeram notar no vazamento de informações, nos escândalos curiais e em oposição da imprensa.

Em uma entrevista publicada pelo "*La Stampa*", com data de 11 de outubro de 1992, Jean Guitton (1901-1999), filósofo e escritor francês, amigo de João XXIII e confidente de Paulo VI mostrara como via a situação da Igreja que se desenvolvera a partir do Vaticano II, ele que atuara como leigo no Concílio e passara a conjecturar acerca do momento que se seguira ao mesmo com uma clareza intelectual própria.

Guitton: No dia que o Conselho abriu eu estava tremendo de emoção. Por toda minha vida eu tinha sonhado com um Concílio que encararia as grandes questões do Século XX: ecumenismo, progresso, direitos das mulheres. E assim foi, e eu fui o primeiro leigo na história a participar em um Concílio da

Igreja Católica. Isso foi a trinta anos atrás.. (emociona-se). "O Concílio foi perfeito. Mas em sua aplicação, quantos erros! A Fé enfraqueceu. Mesmo a verdade perdeu força. A Igreja católica abandonou proclamar-se a Única Igreja Verdadeira. Orou junto com Protestantes, com outras religiões. Nos seminários, Freud, Marx, Lutero tomaram o lugar de Aquino, Ambrósio, Agostinho.

Essa é a razão pela qual Lefebvre agiu sozinho, por conta própria?

G: Paulo VI e o Papa Wojtyla deram-me a tarefa de encontrar uma solução, para evitar o cisma. Eu falhei. Falar de Êcone é muito doloroso para mim. Porque, quando você se debruça sobre isto, Lefebvre estava certo.

Em que sentido ele estava certo?

G: A verdade não pode mudar. Se é branco, não pode tornar-se cinzento, vermelho nem roxo. E se a Igreja possui a verdade, permanece idêntica a si mesma sob sua história. Quando Lefebvre disse que o Concílio não pode mudar declarações solenes da Igreja, em verdade, ele dizia coisas que nós temos que concordar. Mas Lefebvre buscou sustentar-se em um caminho equivocado. Confundiu pertencer à Igreja com pertencer a um partido.

Que outras desvantagens há no período depois do Concílio?

G: Anarquia: o cura não obedecendo o sacerdote da paróquia, o sacerdote não obedecendo o bispo, nem o bispo o cardeal. O catecismo sendo confiado a qualquer um que se apresente. Olhe, a próxima porta para mim aqui em Paris, existem duas paróquias - eles não dizem as mesmas coisas. Pergunte-se, que coerência pode haver em um catecismo confiado a qualquer pessoa?³³

Esta visão de Guitton evidencia claramente o que Bento XVI procurou corrigir, de modo particular no que tange a questão da verdade e os apontamentos de Lefebvre. Bento XVI procurou dar uma interpretação, por meio de suas ações, de uma continuidade entre o Vaticano II e seu passado, buscando sanar a crise, aqui nomeada por Guitton como anarquia.

É possível notar na atuação de Bento XVI um momento de síntese, que pode ser enquadrado no modelo aristotélico-tomista, *virtus in medium*. Sua hermenêutica acerca do Vaticano II e da própria realidade hodierna da Igreja

³³ GUITTON, J. Entrevista ao "La Stampa", de 11 de outubro de 1992. Disponível em: <<http://www.padremarcelotenorio.com/2013/03/lefebvre-estava-certo-diz-amigo-intimo.html>>. Acesso em: 12 dez 2007.

buscou manter seu patrimônio da fé intacto mediante uma busca de interpretação do Concílio que fosse coerente com a mesma, uma continuidade e não uma ruptura.

Com a renúncia de Bento XVI e a eleição do papa Francisco (2013-), não se pode dizer se estas visão e ação serão continuadas. Cada papa imprime muito de seu modo de ser no que tange a administração da Igreja, e para falar de Francisco ainda é cedo, pois sua imagem ainda está sendo moldada por ele e pelos diversos grupos que atuam nesta instituição, cada um desejando ver o que pode ou não corresponder aos seus interesses nesta realidade de crise identitária a que passa a Igreja.

Referências

- ANDRADE, William César. Arroz e timbete: a recepção do Concílio Vaticano II. In *História das Religiões*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- BOFF, Leonardo. *Igreja carisma e poder*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- Congregação para a Doutrina da Fé, CDF. Declaração *Dominus Iesus* sobre a unidade salvífica de Jesus Cristo e de sua Igreja, de 06 de agosto de 2000. São Paulo: Loyola, 2000.
- GÉREST, Claude et All. A Hora dos Carismas, in *Revista Concilium*, 1977 / 79, Número 129, Vozes, Petrópolis, p. 16.
- HOBBS, Eric J. *A Era das Revoluções 1789 – 1848*. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- MANOEL, Ivan A. *O Pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: Eduem, 2004.
- RATZINGER, J. *Milestones – Memoirs 1927-1977*. San Francisco, Ignatius Press, 1998.

Referências internet

- BENTO XVI. Homilia da Santa Missa *Pro Eligendo Romano Pontífice*, 18 abril 2005. Disponível em: <http://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html>. Acesso em 23 ago. 2009.

GREGÓRIO XVI, Papa. Carta Encíclica *Mirari Vos* sobre os principais erros de seu tempo, 15 agosto 1832. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=mirarivos&lang=bra>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

PIO IX, Papa. Carta Encíclica *Quanta Cura* sobre os principais erros da época, 8 dezembro 1864. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=quantacura&lang=bra>>. Acesso em 23 ago. 2009.

PIO X, Papa. Carta Encíclica *Pascendi Dominici Gregis* sobre as doutrinas modernistas, 8 setembro 1907. Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=pascendi&lang=bra#>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

Paulo VI, Papa. *Solennità dei Santi Apostoli Pietro e Paolo Giovedì, 29 giugno 1972*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/homilies/1972/documents/hf_p-vi_hom_19720629_it.html>. Acesso em: 22 mai. 2008.

RATZINGER, J. *Teoria dos Princípios Teológicos*, Editorial Herder, Barcelona, 1985.

OPPERMANN, scj, Dom Aloísio Roque, bispo. *Abusos Persistem*. Disponível em <http://www.arquidiocesedeuberaba.org.br/colunista_d.php?colunista=4&matéria=180> Acesso em 20 ago. 09.

CDF. Instrução *Libertatis Nuntius* sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação, de 06 de agosto de 1984. Disponível em: <<http://www.veritatis.com.br/article/4504>>. Acesso em: 03 set. 2007.

PAULO VI, Papa. Carta Encíclica *Humanae Vitae* sobre a regulação da natalidade, 25 julho 1968. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_25071968_humanae-vitae_po.html>. Acesso em: 22 mai. 2008.

BENTO XVI. Discurso aos Cardeais, Arcebispos e Prelados da Cúria Romana na apresentação dos votos de Natal. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia_po.html>. Acesso em: 23 maio 2008.

MONTFORT Associação Cultural. *Pro multis* significa "por muitos", decide o Vaticano. (18 de novembro de 2006). Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=imprensa&subsecao=igreja&artigo=20061118&lang=bra>>. Acesso em: 07 mar. 2007.

MONTFORT Associação Cultural. Vaticano erige novo instituto tradicionalista. (08 de setembro de 2006). Disponível em: <<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=imprensa&subsecao=igreja&artigo=20060908&lang=bra>> Acesso em: 07 mar. 2007.

Bento XVI. Exortação Apostólica pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis_po.html#>. Acesso em: 14 mar. 2007.

RATZINGER, J. A Missa Degenerada em Show. In K. GAMBER, *La Reforme Liturgique En Question, Paru: Sainte-Madeleine*, 1992. Disponível em: <<http://thefaithofalonelycatholic.blogspot.com/2007/11/ratzinger-critica-reforma-litrgica.html>>. Acesso em 25 mai. 2008.

BENTO XVI, Papa. Carta de Sua Santidade Bento XVI aos Bispos da Igreja Católica a propósito da remissão da excomunhão aos quatro bispos consagrados pelo arcebispo Lefebvre. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2009/documents/hf_ben-xvi_let_20090310_remissione-scomunica_po.html>. Acesso em: 10 mar. 2009.

BENTO XVI. Carta do Sumo Pontífice Bento XVI para a Proclamação de um Ano Sacerdotal por Ocasão do 150º Aniversário do *Dies Natalis* do Santo Cura D'ars. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/letters/2009/documents/hf_ben-xvi_let_20090616_anno-sacerdotale_po.html>. Acesso em: 16 jun. 2009.

GRANDE ORIENTE DA FRANÇA (GOF). *Un inquiétant retour du religieux*, de 12 de dezembro de 2007. Disponível em: <<http://www.godf.org/index.php/actualite/details/liens/position/nom/Prise-de-position/slug/un-inquietant-retour-du-religieux>>. Acesso em: 12 dez 2007.

GUITTON, J. Entrevista ao "*La Stampa*", de 11 de outubro de 1992. Disponível em: <<http://www.padremarcelotenorio.com/2013/03/lefebvre-estava-certo-diz-amigo-intimo.html>>. Acesso em: 12 dez 2007.